

CONSTRUÇÕES E RECONSTRUÇÕES EM GRUPO

Vasco Inglez

Psicopedagogo clínico, grupanalista

Membro candidato da Sociedade Portuguesa de Grupanálise

RESUMO

Breve revisão dos seguintes conceitos: introjecção, identificação, elaboração e sua importância para a construção da identidade. Possibilidade de reconstrução do Ser em grupanalise.

PALAVRAS-CHAVE

Introjecção, identificação, elaboração, grupanalise.

"Temos de entrar no reino do pensamento complexo e de abandonar o olhar simplificador que cega o nosso conhecimento..."

(MORIN, 1986)

"Crer que entre o sujeito e o objecto existe uma espécie de relação adequada – que o objecto seria a mesma coisa que, visto de dentro é o sujeito – eis uma invenção generosa que, segundo creio, está inteiramente ultrapassada."

(NIETZSCHE, 1884)

"A consciência... apenas surge quando o objecto, o organismo e a relação destes dois podem ser re-representados."

(DAMÁSIO, 1999)

"Num paralelismo com o funcionamento do nosso sistema nervoso, também na grupanalise é possível estabelecer circuitos interpessoais, e as sinapses possíveis entre os elementos do grupo, permitem talvez uma maior diversidade e complexidade do processo analítico."

(NAVA, 2000)

Para o estudo da construção da identidade do Ser a psicanálise aponta vários processos dinâmicos, intrapsíquicos que se organizam em inter-acção com o meio.

Na fase inicial da vida são os mecanismos introjectivos que promovem o aparecimento das primeiras formas de proto-identidade. A introjecção corresponde à forma mais precoce de integrar elementos externos e com eles edificar as bases da identidade. Introjectar significa colocar de fora para dentro, objectos e qualidades inerentes a esses objectos, no interior do aparelho psíquico (Laplanche e Pontalis, 1967); é um processo através do qual a criança na fantasia absorve o mundo à sua volta, traz o mundo para dentro de si utilizando os sentidos (Klein, 1958).

A incorporação é descrita como o protótipo corporal da introjecção (Laplache e Pontalis, 1967), equivalendo a um acto físico-biológico de ingestão oral incluindo desejos e fantasias (Greenberg, 1976) num estado em que o corpo agido é porta-voz dos sentidos.

A incorporação aparece como a forma primitiva de um conceito mais abrangente, a internalização.

Internalização

(acto de tornar interno)

- Introjecção – internalizado no Eu.
- Incorporação – protótipo corporal da introjecção.
- Identificação – que se tornou idêntico, depois de internalizado.
- Interiorização – internalizações de relações de objecto.

As introjecções estão dependentes dos sentidos, das formas de captar sensações de uma “barreira sensitiva” que vai absorvendo de fora do Ser psíquico e dos estímulos internos, dados da experiência vivencial, representações mentais arcaicas, protopensamentos que se encontram à espera de um espaço de fixação. É, no entanto, na relação e através da estrutura inata do sujeito para se relacionar, que estas primeiras introjecções vão surgindo, sobretudo em interacção com o representante da função materna.

O que é internalizado no Eu tem um sentido receptivo, não há espaço para a passividade porque o acto de receber já evidencia a presença de um movimento de abarcar, condicionar o que chega, assim sendo a criança também é um continente dos lugares perdidos de um mundo misterioso que vai sendo captado.

O movimento introjectivo encontra um espaço de fixação no núcleo do Eu, sendo por isso seu constituinte e referencial de base para futuras associações, relações e reacções.

O conceito de introjecção, como precursor do Ser, aponta essencialmente para as vivências no plano sensório-motor, sensações e respostas corporais, sem símbolo sem palavra, representações difusas do seio, objectos primitivos, coisas sem nome, os elementos beta, a caminho do protopensável (Bion, 1948); é uma operação computante, inicial e primitiva que possibilita o jogo de projecção/identificação sobre o bombardeamento de estímulos externos.

Consideremos a figura I.

O movimento que tem sido descrito corresponde ao número 1 da figura, onde podemos observar a entrada de algo externo na estrutura do Eu, ou seja, na zona central do Ser. Nesta perspectiva o Ser encontra-se bem definido do espaço externo que o rodeia, interagindo com ele.

Partindo do manancial interno alcançado por estes movimentos primitivos a criança vai dispor de recursos para efectuar um mecanismo mais elaborado – a identificação, mais especificamente a identificação

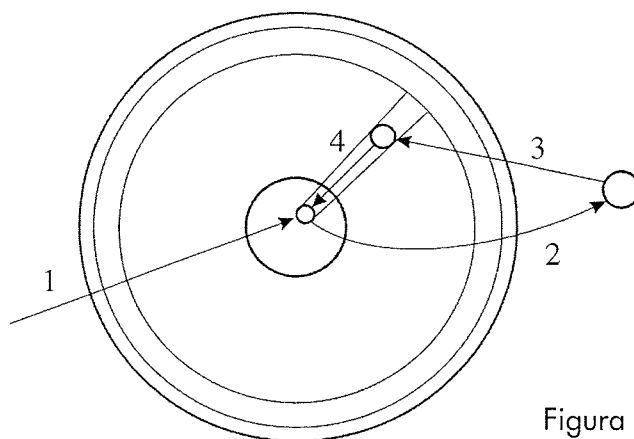


Figura I

projectiva, que compreende uma vertente saudável promotora de identificações realistas e uma vertente patológica por si mesma anti-identificatória, um entrave ao processo de desenvolvimento psíquico e maturidade individual

Na figura I, o movimento 2 representa a projecção de algo interno pertencente ao núcleo do Eu que será posto no exterior. A forma como o meio externo responde a esta projecção será essencial para o desenvolvimento do Ser. Os maus objectos internos projectados, se forem contidos, transformados e devolvidos abrem espaço para as identificações saudáveis, como um processamento da dor, do temido, do terror sem nome que encontra um espaço de segurança e harmonia.

O movimento 3 corresponde ao que é recebido da projecção, considerada aqui como internalização orbital (Wisdom, 1961), ou seja, que está na orbita do núcleo da identidade e que aparece como a possibilidade do outro em nós.

Num estado precoce em que a diferenciação entre o Ser e o Outro é difusa, pela natural inaptidão da consciência, o mecanismo de identificação projectiva tende a englobar o outro como objecto do Eu, ou seja, a identificar (aqui de forma massiva e sem consciência) o que recebeu da projecção – o objecto orbital – no núcleo do eu, identificando-se (movimento 4).

A identificação pode ocorrer em qualquer momento da vida, mas nas primeiras fases é vital para a construção da identidade. Por altura da formação do Super-Eu e do Ideal de Eu, o outro significativo serve de suporte à criação de regras – do Ser social – assim, os objectos de identificação formam uma matriz de relacionamento que condicionará o funcionamento interpessoal.

A figura II, procura aprofundar estas hipóteses:

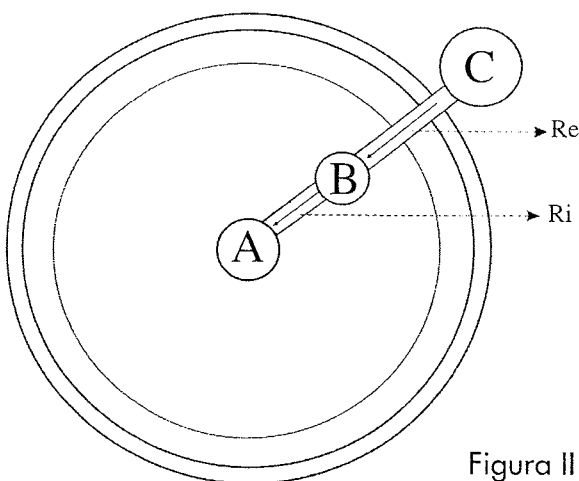


Figura II

- A – Objecto Nuclear (do Eu).
- B – Objecto Orbital (do Ser total).
- C – Objecto Externo.
- Ri – Relação de objecto interna.
- Re – Relação de objecto externa.

No núcleo temos A, os objectos nucleares, os instigadores da personalidade, fruto das introjecções e dos processos de identificação. Em B temos os objectos orbitais que correspondem às representações internas dos objectos externos que foram tornados internos; estes são constituintes do Ser, mas não do Eu, orbitam à sua volta estabelecendo com ele relações de objecto – Ri.

A existência de objectos remete-nos para as suas ligações, os elos que se revelam essenciais para a construção de um mundo interno, que no seu dinamismo, nas suas

alternâncias e movimentações constantes necessitam sempre de pontes de contacto. Não serão elos as formas de relação que estabelecemos connosco? Com os outros? E o corte do cordão umbilical um elo que se desfaz? (Silva, 2000).

Os objectos não se encontram dispersos, estão unidos por pontes relacionais que possibilitam a existência psíquica do Ser, assim não é possível conceber o funcionamento mental humano sem ser na dinâmica interactiva, num sistema de múltiplas trocas de pulsões, afectos e ideias que se canalizam na relação. É sobre o pressuposto vincular que assentam as unidades relacionais.

Todos os mecanismos já descritos são, pela sua natureza, inconscientes, desenvolvem-se nas profundezas do Ser e só a ascensão à consciência os pode revelar.

A figura III representa a função consciente da mente em interacção com o mundo inconsciente.

A consciência permite virem à tona os elementos inconscientes que, como objectos internos, são uma representação do mundo externo, condicionados pelas faculdades do sujeito para internalizar. Os objectos reflectidos na consciência são uma nova reformulação do externo no mundo interno, este possível ao conhecimento.

A filosofia kantiana distingue fenómeno de númeno (Kant, 1781), aqui, e tendo em conta a dialógica inconsciente/consciente, consideramos um terceiro nível que se abre à aceitação daquilo que nos aparece na mente como uma representação de uma representação.

Como um filme projectado na mente pelo Eu, a consciência reflecte o mundo interno, dando-lhe as cores que a intersubjectividade faz reflectir. Assim temos:

- A' – Consciência que temos do Eu;
- B' – Consciência que temos dos outros (em nós, inevitavelmente);
- Ri' – Consciência da relação entre o que somos e os outros.

Todo o palco interno difere da realidade externa, apresenta-se como uma encenação desta e compreende figuras e formas que a realidade não possui, como produto de construções internas.

Do ponto de vista do que pode ser tornado consciente, C – os objectos reais, coisa em si, e Re a relação real com objecto externo, são impossíveis para o conhecimento. No entanto um funcionamento mental orientado pelo princípio da realidade revela um nível maior de aproximação entre o mundo interno e a realidade externa. Desta forma o Ser, no exercício da sua liberdade, cria representações que se dirigem à desocultação e correcção dessa desocultação com o objectivo de atingir a essência da verdade do ente (coisa em si).

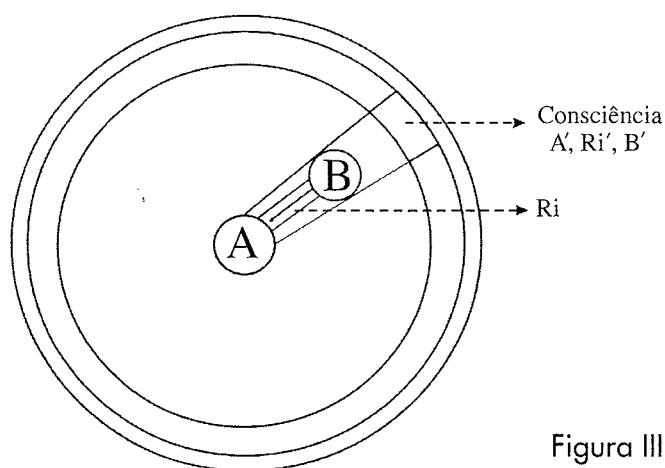


Figura III

O esquecimento desta ocultação leva à errância, ao caminho da não verdade (Heidegger, 1943), ao pensamento falseado das verdades universais – os falsos enunciados nas suas múltiplas formas.

A mente pára-quebras das excitações, uma mente vivida, requer o *insight* verdadeiro. Exclui-se o *insight* intelectual – mecanismo de defesa que impossibilita o crescimento mental – perspectiva-se o *insight* cognitivo, afectivo, reflexivo e pragmático como possibilidade de transformação (Zimerman, 1999).

A elaboração mental reflecte a possibilidade de uma consciência transformadora +K (Bion, 1962), o acesso ao simbólico, a metáfora transmutadora, a metamorfose das representações internas, utilizada como agente terapêutico em psicoterapia.

O processo de reconstrução, que se desenvolve no contexto psicoterapêutico, terá que utilizar sucedâneos do processo construtivo. A relação terapêutica inaugura um *new beginning* (Balint, 1979), uma esperança de recomeço, onde num ambiente protegido se criam as condições para que o Ser retome o crescimento psíquico. Desta forma, o paciente tem de ser cuidado e invariavelmente só o poderá ser com amor terapêutico, que se manifesta pela capacidade empática, pelo interesse genuíno e respeito.

A evidência do terceiro elemento activo, agente separador e por isso indutor da identidade, outorga à grupanalise uma condição específica e particular de referência no processo de reconstrução do Ser, sendo uma mais-valia tanto pela possibilidade de observar no grupo as tendências compulsivas fruto das relações de objecto internas, como pela oportunidade de as alterar abrindo portas para novas formas de interagir – sendo empático, recebendo a transferência, interpretando com contratransferência e transformando.

Assim, *Ri* evidencia-se no grupo através de *Re* que por sua vez poderá alterar *Ri* para produzir um novo tipo de *Re*, neste movimento recursivo que condiciona novas relações de objecto externo noutros contextos.

Não só o tipo de relações de objecto como os próprios objectos internos, podem ser transformados pelas relações de objecto externas – os *átomos individuais* em interacção na *molécula grupanalítica*.

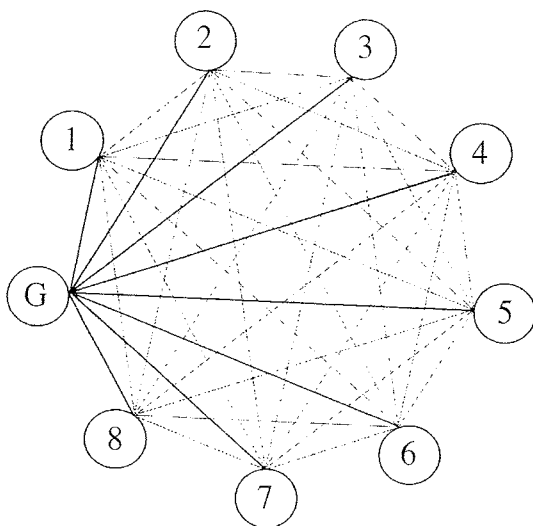


Figura IV – Molécula grupanalítica

Segundo esta perspectiva, é possível alterar *B*, *Ri* e *A*, quer pela vivência relacional, quer pelo processo de elaboração mental regulado no grupo pelo terapeuta que se manifesta, ou que se torna visível, em *Ri'*, *B'* e *A'*.

As condições oferecidas pela grupanalise recriam um espaço vivencial transformador que possibilita a reconstrução do Ser. Tais condicionantes são estabelecidas pelo padrão analítico proposto pelo grupanalista e pela matriz inter-relacional criada pelos elementos do grupo, onde também se inclui o grupanalista, aqui numa posição assimétrica quanto à escolha dos elementos e relação previamente estabelecida, quanto à condução do grupo e função terapêutica – interpretar e analisar nos moldes que a matriz do grupo lhe permite (Cortês, 1989).

A grupanálise sendo uma análise em grupo, adquire um grau de complexidade superior à de uma intervenção individual, diádica – mais analisandos, mais variáveis – aplicando o princípio do 3.º incluído (Morin, 1991). É desta forma uma terapia que integra a realidade de forma plena, não exclui o terceiro elemento – personificado pelos membros do grupo e activo na função simbólica – reconstrói e actualiza o mundo interno, contribuindo para uma mudança sustentada.

RÉSUMÉ

Brève révision des concepts: introjection, identification, élaboration et leur rôle dans la construction de l'identité. Possibilité de la ré-construction de Moi dans groupanalyse.

MOTS-CLÉS

Introjection, identification, élaboration, groupanalyse.

SUMMARY

Brief revision of the concepts: introjection, identification, elaboration and their role in identity's construction. Possibility of Self's re-construction in groupanalysis.

KEYWORDS

Introjection, identification, elaboration, groupanalysis.

BIBLIOGRAFIA

BALINT, M. (1979), *The Basic Fault. Therapeutic Aspects of Regression*, Tavistock Publications, Londres.

BION, W. (1948), *Experiências com Grupos*, Imago Editora (2.ª ed., 1970).

— (1962), *Learning from Experience*, Karnac Books, 1984, Londres.

CORTESÃO, E. (1989), *Grupanálise – Teoria e Técnica*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

DAMÁSIO, A. (1999), *O Sentimento de Si – O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*, Publicações Europa-América (4.ª ed., 2000).

GREENBERG, L (1976), *Teorias da Identificação*, Climepsi Editores, 2001.

HEIDEGGER, M. (1943), *Sobre a Essência da Verdade*, Porto Editora, 1995, Porto.

- KANT, I. (1781), *Crítica da Razão Pura*, Fundação Calouste Gulbenkian (5.^a ed., 2001), Lisboa.
- KLEIN, M. (1958), *Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos (1921-1945)*, Imago, 1985, Rio de Janeiro.
- LAPLANCHE, J., e PONTALIS, J. B. (1967), *Vocabulário de Psicanálise*, Editorial Presença (7.^a ed., 1990), Lisboa.
- MORIN, E. (1986), *Método III – O Conhecimento do Conhecimento*, Publicações Europa-América, Mem Martins.
- (1991), *Método IV – As Ideias – Sua Natureza, Vida, Habitat e Organização*, Publicações Europa-América, Mem Martins.
- NAVA, A. (2000) “Grupanálise em Carne Viva” in *Revista Portuguesa de Grupanálise*, n.º 2, Fim de Século, Lisboa.
- NIETZSCHE, F. (1884), *A Vontade de Poder – O Niilismo Europeu*, vol. I, Rés Editora, 2004, Porto.
- SILVA, A. (2000), “Elos, seu Conceito e Grupanálise” in *Revista Portuguesa de Grupanálise*, n.º I, Fim de Século, Lisboa.
- WISDOM, J. (1961), “A Methodological Approach to the Problem of Hysteria” in *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. XLII.
- ZIMERMANN, D. (1999), *Fundamentos Psicanalíticos – Teoria, Técnica e Clínica*, Artmed, Porto Alegre.